

Biblioteca Anarquista



O agrupamento de tendência

Felipe Corrêa

Felipe Corrêa
O agrupamento de tendência
Janeiro de 2010

Adquirido em 06/09/20 de Quebrando Muros

Artigo escrito para contribuir com as discussões que estão em andamento em São Paulo e no Rio de Janeiro para a conformação de agrupamentos de tendência. Poderá servir, também, para outros agrupamentos deste tipo que já existem em outros lugares do Brasil, como é o caso da Resistência Popular.

bibliotecaanarquista.org

Janeiro de 2010

Conteúdo

A ESTRATÉGIA	4
FORÇA SOCIAL	6
A TENDÊNCIA	9
UMA PROPOSTA METODOLÓGICA E PRO- GRAMÁTICA	12
A FUNÇÃO DA TENDÊNCIA	15

Felizmente estamos numa fase em que podemos e devemos experimentar várias formas organizativas, com paciência e generosidade, mas com persistência e espírito crítico. As formas organizativas deverão ajudar e serem facilitadoras na implementação dos objetivos principais. O fazer imediato deve estar profundamente vinculado ao que se quer no futuro.

Gilmar Mauro

A ESTRATÉGIA

Sabemos que nossas propostas diferem muito de outros setores da esquerda que trabalham com os movimentos populares. Por isso, é de suma importância a nossa organização como uma tendência para a promoção de nossos objetivos programáticos e metodológicos, dando força à nossa proposta e agregando permanentemente militantes dos movimentos populares que concordam com nossas propostas ou mesmo militantes que têm vontade de realizar trabalho social e que também estão de acordo conosco. Será a tendência, como um agrupamento de setores populares com afinidades determinadas, que aumentará nossas chances de promover aquilo que acreditamos no seio das lutas, dificultando o atropelamento, as expulsões, os boicotes, isolamentos, etc. que são bastante comuns nestes meios.

A tendência aumentará a nossa capacidade de promover nossas ideias e de influenciar, e isso será determinante.

Antes de tratar do assunto do agrupamento de tendência, é importante retomar a nossa estratégia de transformação. Ela baseia-se em três premissas fundamentais:

1. O capitalismo é uma sociedade de classes e, portanto, a luta de classes um de seus aspectos centrais.
2. As mobilizações dos mais diversos setores de explorados, dominados e oprimidos, ou seja, as lutas populares de massas, são imprescindíveis e, baseando-se no tripé necessidade, vontade e organização, expõem as contradições deste sistema de classes.
3. A transformação desta sociedade deve basear-se no protagonismo destes movimentos, ou seja, no protagonismo do povo organizado, o que diferencia esta estratégia de outras que concebem a transformação feita pelo partido de vanguarda, ou pela ação de minorias descoladas da base (como no caso do insurrecionalismo da “propaganda pelo fato” ou do foquismo, por exemplo).

Desta forma, pretendemos operar a transformação por meio dos movimentos populares. Onde não há movimentos, temos por objetivo organizá-los; onde há movimentos, devemos participar deles e promover uma determinada visão metodológica e programática. Finalmente promover alianças permanentes entre os movimentos, integrando suas lutas e aumentando sua força social. É somente com o acúmulo significativo de força social que entendemos poder aplicar a violência necessária para uma transformação revolucionária. Acumular permanentemente força social, organizando, mobilizando e lutando desde hoje. Aprendendo e ensinando, construindo a nova sociedade dentro desta. Esta construção permanente deve apontar para objetivos de tipo finalista: um processo de revolucionário e a construção de uma nova sociedade baseada na igualdade e na liberdade. Ao começar a realizar este processo, alguns dizem que estão construindo a organização popular, outros o poder popular.

FORÇA SOCIAL

**A FUNÇÃO DA
TENDÊNCIA**

- A defesa da ação direta, que acontece quando realizamos a política por nós mesmos, quando realizamos nossas ações contra a dominação e a exploração, protagonizando nossas próprias lutas, sem confiar em políticos, representantes ou sem ter quem fale em nosso nome. A defesa da solidariedade entre as classes exploradas para a luta, sem prevalecer um ou outro setor ou grupo. Neste caso, é importante que se promova uma perspectiva classista que apontará para a crença na luta de classes e para a necessidade de um processo revolucionário protagonizado pelos setores explorados, dominados e oprimidos.
- A defesa da autonomia, ou da independência de classe, desvinculando as lutas do Estado, dos partidos políticos e dos sindicatos burocratizados, entre outros, que querem usar os movimentos para seus próprios fins. Os movimentos não devem ser correias de transmissão de indivíduos, grupos ou organizações.
- A defesa da democracia direta, ou democracia de base, proporcionando a todos e estimulando as tomadas de decisão coletivas, nas assembleias. Nestas, as decisões devem ser tomadas com participação igualitária e sem hierarquia, promovendo objetivos de auto-gestão das lutas e de articulações pelo federalismo que ao mesmo tempo em que dão organização e coerência às lutas, respeitam sua autonomia.
- Finalmente, buscar o permanente aumento de força social neste processo da luta de classes, fazendo com que os movimentos populares encarem a proposta dupla das lutas: garantir conquistas para melhorar sua situação e lutar por uma transformação revolucionária de longo prazo, uma construção permanente de organização e poder popular.

A partir desta estratégia, poderíamos nos questionar: qual então é a função de um agrupamento de tendência? Se queremos uma transformação pelos movimentos populares não seria simplesmente o caso de criar e participar destes movimentos?

Acontece que não podemos ignorar a questão da força social. Para operarmos uma transformação que aponte para o fim da exploração e da dominação, precisamos de movimentos populares muito fortes e que desenvolvam em seu seio as sementes da sociedade futura, assim como foi o caso do sindicalismo revolucionário brasileiro do início do século XX. E sabemos que a maior parte dos setores populares não está organizada e desta forma, não conseguirá dar conta dos objetivos a serem realizados. Além disso, atualmente, os setores organizados em movimentos não estão, na grande maioria, sendo usados para promover os interesses coletivos e operar uma transformação da sociedade da maneira colocada. Os movimentos estão sendo utilizados para fornecer dinheiro para burocratas não terem que trabalhar; para oferecer recursos para um determinado partido político ou mesmo para promovê-lo; para ser uma fonte devotos para um ou outro político; para constituir base para propostas autoritárias de poder, com lideranças descoladas da base que não a representam; entre tantos outros fatos que constituem problemas para a implementação de nosso projeto. Neste sentido, há dois problemas fundamentais: a desorganização da maioria dos setores populares e, dentro dos setores organizados, a promoção de formas de organização e de programas que não conduzem a uma proposta libertadora de transformação. Poderíamos dizer, portanto, que temos de lidar com dois tipos de espaço que estão em permanente disputa. Um espaço social amplo, de trabalhadores (formais, precários, desempregados), moradores de bairros periféricos, e outros setores populares que estão desorganizados e não se mobilizam por uma série de razões. E um espaço social mais restrito, já organizado, dos movimentos mais diversos: sindicais, comunitário, de sem-teto, sem-terra, desempregados etc. E para atuar nestes espaços, que são de disputa—já que esta constitui uma regra em qualquer espaço em que haja conflito de interesses—, precisamos de força social. São de disputa, pois entendemos que não há “vácuo de poder” em qualquer relação social. A ideia da força social é que todos nós temos uma determinada capacidade de realização, mas que, se ela não for colocada em prática não vale de nada. Por exemplo: potencialmente a força do povo é maior que a força da classe dominante, mas, como ela não está sendo colocada completamente

em prática, não consegue derrotar os dominadores. Então, precisamos colocar nossa capacidade, ou seja, nossa possibilidade de agir, em prática, transformando esta nossa força potencial em uma força social real. E neste processo, a organização é uma ferramenta imprescindível. A organização proporciona uma conta em que $1 + 1$ é mais de 2. Por exemplo: se tivermos que carregar uma grande caixa de 200 quilos, quatro pessoas juntas poderão carregá-la, mas se cada uma dessas quatro pessoas for lá, individualmente, e tentar carregá-la, uma depois da outra, não vai conseguir. Isso porque quando as quatro pessoas estão juntas, sua força é maior do que a soma individual da força das pessoas separadas. Outro exemplo: se vamos fazer um protesto em frente a uma prefeitura podemos ir todos juntos, ou um de cada vez. Qual alternativa terá maior força? Claramente se formos todos juntos. Então a conclusão neste caso é que, se queremos organizar e participar dos movimentos populares, sempre promovendo determinadas concepções metodológicas e programáticas, devemos estar organizados. Quanto mais estivermos organizados, maior será a nossa força social e, portanto, mais fácil será para conseguirmos chegar aos nossos objetivos. Ter força social não significa impor nada aos outros de maneira autoritária, mas conseguir defender as nossas posições, nossos pontos de vista, nossa metodologia, nosso programa. Ter capacidade de influenciar os movimentos populares e não sermos usados por outros setores ou mesmo afastados ou isolados.

Quando falamos que temos uma proposta metodológica e programática, estamos dizendo que no nosso atuar, quando estivermos realizando o trabalho social, promoveremos uma determinada metodologia e um determinado programa. Mas que metodologia e que programa? Obviamente, que tudo isso é uma construção coletiva, mas já temos algumas noções. Primeiramente, sobre uma leitura da sociedade presente, sabemos que não queremos uma sociedade de exploração e dominação, como é o caso da sociedade capitalista e de tudo que a envolve. Depois, que sabemos que queremos construir uma nova sociedade que seja livre e igualitária, onde possamos viver sem exploração e dominação. Para isso, entendemos que precisaremos criar uma estratégia que será refletida em um programa, e que responderá como pretendemos operar esta transformação radical da sociedade. Entendemos que a estratégia é o caminho que escolheremos para esta transformação, ou seja, uma estrada. E se temos um destino definido, é bom que peguemos a estrada correta, pois uma estrada errada nos levará a um destino diferente. Por este motivo acreditamos que devemos nos preocupar com os meios que nos conduzirão aos fins desejados: para nós, são os meios que escolhermos (as táticas e estratégias) que nos conduzirão aos objetivos. Assim, a tática está subordinada à estratégia e ambas estão subordinadas aos objetivos estratégicos. Não acreditamos na máxima “os fins justificam os meios”; para nós são os meios que escolhermos que determinarão os fins em que chegaremos. Uma visão programática deve ser construída coletivamente, apontando para uma leitura do presente, os objetivos finalistas e um caminho em grandes linhas para a transformação e é esta linha programática que deverá ser defendida dentro das organizações de massas pelos militantes da tendência. Em relação às questões metodológicas, podemos dizer que quando criamos movimentos ou participamos deles, promovemos uma forma de funcionamento, características determinadas, um estilo de trabalho militante que, no conjunto, constituem meios para chegarmos aos fins desejados. Em linhas gerais, qual é esta metodologia?

- A defesa da forçados movimentos, acreditando que eles não devem ser “ideologizados”, ou seja, não podem permitir a entrada somente de militantes de uma ou outra ideologia ou estar subordinado a uma delas. Ele deve agregar todos que estiverem dispostos a lutar utilizando com critério a necessidade.

**UMA PROPOSTA
METODOLÓGICA E
PROGRAMÁTICA**

A TENDÊNCIA

Dito isso, chegamos à explicação do que é um agrupamento de tendência.

Tendência é uma organização que poderíamos chamar de político-social, ou seja, é uma organização que agrupa setores populares que possuem afinidade em relação a questões metodológicas e programáticas, mas que não necessariamente possuem afinidades em relação a uma ideologia determinada (marxismo, anarquismo, autonomismo etc.). A tendência, portanto, não é nem uma organização política (partido) e nem uma organização de massas (movimento popular); se dá em um nível que poderíamos chamar de intermediário, entre o político e o social. A tendência reúne militantes que atuam em um ou mais movimentos populares e nos setores desorganizados da população tendo por objetivo promover dentro dos movimentos em que atuam uma metodologia de trabalho e um programa determinado, além de organizar estes movimentos nos mais diversos setores do povo que ainda estão desorganizados. Além disso, ela proporciona um espaço de interação entre os diversos militantes que compartilham visões semelhantes e serve para aumentar a força social de sua incidência nos campos populares, aumentando seu poder de influenciar estes campos e impedindo que outras pessoas ou agrupamentos, que possuem concepções contrárias, possam fazer prevalecer suas visões ou usar outros militantes para atingir seu próprio objetivo. A tendência dá coerência operacional aos militantes que atuam com objetivos claros e bem definidos e constitui a “cara” da militância no dia-a-dia do trabalho social. Diferente de aspirar ser a vanguarda dos movimentos, ela tem a função de fermento e de motor; deve estimular os movimentos populares, garantindo que eles possuam a capacidade de promover suas próprias lutas, tanto reivindicativas (curto prazo), como transformadoras (longo prazo). Os militantes da tendência constituem parte do povo e promove o protagonismo popular, ou seja, têm por objetivo criar um povo forte.

Portanto, a tendência atua a partir de uma proposta metodológica e programática. Mas afinal de contas, o que é esta “proposta metodológica e programática” que já mencionamos diversas vezes?